

jardins e os montes, todas elas até então imarcescíveis contra geadas e sóis, por certo em sinal de luto. Mas outras vieram florir na campa do justo, plantadas — dizem uns — por intendência do Céu — opinam outros — pelas mãos agradecidas das mulheres que, mercê de Gonçalo, iam dobando a meada dum amor venturoso e derradeiro.

A TENTACÃO DO SÁTIRO

Já me não lembra bem se ouvi contar esta história derramada, se a sonhei. O certo, certo, é que se passa em Espanha no tempo em que as armas de S. M. Católica acutilavam, em acerba guerra, mouro, gentio e cristão. Bate aqui, rechaça acolá, ofegantes e frenéticas de bravura e desespero, corria pelo orbe uma sangria heróica, não sendo difícil aos escrivães provar em bom cálculo matemático que o Sol, no discurso pelo Zodíaco, aquém e além Câncer até Capricórnio, sempre alumiava triunfos castelhanos.

Pois aconteceu que D. Alejandro Santisteban, senhor de los Balbazes, capitão de ginetes, e homem rijo e fero em despeito dos cinquenta já dobrados, pegava na sesta, depois de repasto bem caído, quando o espertou um tropear áspero de cavalo à sua porta. Assomou D. Alejandro à ventana e viu no pátio um postilhão que bradava:

— Serviço de el-rei!

— Que manda el-rei? — perguntava de má sombra, debruçado pouco depois sobre o mainel da escadaria, onde sem aguardar pajem, acorrera precipitadamente, para quem se permitira vir importuná-lo àquela hora.

O estafeta puxou dum officio, em que a obreia real brilhava como uma rosa vermelha esmagada, estendeu o braço... E, depois de saudar, deu meia volta ao corcel, e despediu.

De mão embaraçada, mas sem febre nem tremura, desdobrou D. Alejandro a mensagem. E logo dos lábios se lhe escapou uma praga, praga tão estrondosa que vieram a correr de dentro, alarmadas, D. Sol, D. Mafalda, e as donzelas do serviço.

— Ordem de marchar para Portugal com os meus ginetes — rosnou para D. Mafalda, que ao pé dele, gentil e viçosa, se inculcava filha, esposa não. — Também aqueles perros de portugueses se revoltam! Maldita seja a guerra e a porca madre que a gerou!

De coração alanceado, se bem que no parecer contrafazendo o muito nojo, ordenou D. Alejandro os aprestos da companhia que capitaneava. Não desprazia ao seu ânimo fragueiro e aventureiro a vida dura de campanha; pelo contrário; mas, naquele momento, pesava-lhe distrair-se, após breves meses de matrimónio, de sua senhora D. Mafalda, do ramo preclaro, embora pobre, dos Casarrubios. Ainda a ela o atavam os amavios da lua-de-mel; ainda a moça não perdera de todo o enleado ar de pupila, criadinha e medrada nos Balbazes, nem tão-pouco se afeiçoara a considerar como joelhos de amante os joelhos em que, como paternais, tantas vezes de fralda curta e madeixas soltas peloticara. Demais, agrilhoavam-na naquela casa, que encerrava flor de tanta bizarria, os zelos próprios dos seus cinquenta anos bem vividos; zelos que iam e vinham na consciência, ora repellidos pelo respeito que, em obras e pensares, devia à sua dama, ora calculados pelos percalços possíveis da honra, que a imaginação, à ideia de distância, mais e mais exacerbava. Amava de raiz, e para seu afecto a separação era crueza; amava com todos os ciúmes do homem na passagem do equador, e, para tal estado, o apartamento é uma esponja com as triagas todas do inferno.

Além disso, a sua fortuna corria mal, mesmo ao desbarato, tomada de resvaladiço pendor. Com as campanhas da Flandres e a estroina folgada que estadeara na corte de França, dissipara um património que só tinha por igual o do grão-mestre de Calatrava. Já os credores erguiam mão para o domínio dos Balbazes, e as terras do Guadalquivir andavam a monte umas, a saque outras por obra de caseiros e mordomos tão desenvergonhados e ladros que podiam ir leccionar malas-artes para a Serra Morena.

Para toda a gente, com resolutivo, posto que sério sem-

biante, dissimulou D. Alejandro a sua imensa contrariedade; para todos, afora D. Sol, sua tia pela linha varonil, e D. Gil de Tavera, moço de bom sangue e gentis manhas, que se ilustrara na Catalunha, e feridas mal cicatrizadas impediam de volver à guerra. Sua tia era a dona de mão inflexível e de olho ladino, a quem nada passava estranho no governo da casa; aquele o leal amigo, tão leal que lhe merecia trato de irmão mais novo e tanta confiança como seu santo confessor. E, repousando em D. Sol, cão de fila à roda de Mafalda, e em Gil de Tavera, braço expedito e desenganado para os negócios da fazenda, se partiu aliviado das muitas penas que, enquanto durou a esquipação da sua companhia, zumbiam e lhe enterravam no peito o mais peçonhento farpão.

Começou D. Gil por mandar arvorar cinco samarras de ladrões nos oiteiros do Guadalquivir, a jeito de vê-las bailar ao vento quem passasse na estrada e de darem senha ao longe. E os cinco macabeus, da corda bamba da força, começaram a guardar granjearias e currais melhor que os mais desalmados couteiros. Depois, a sua mão forte impediu que o Desembargo desse despacho aos credores de Santisteban. Em tudo se pôs, numa palavra, de peito feito, a zelar pela fazenda do amigo como não obraria almoxarife, estreado em tais andanças e ajuramentado às Santas Escrituras.

A estes desvelos respondeu D. Mafalda com franca e honesta estima. Com ele, a sua timidez de órfã degelou. E do fundo do seu veio vieram à luz os mundos novos que lá havia, do mesmo modo que o seu rosto ganhou outras e mais lindas cores. E tanto ela como D. Sol era com grande regalo que o viam galopar à estribeira do coche quando iam ao Paço ou espaireciam no Prado.

Com discreta etiqueta, o cavaleiro obsequiava uma e reverenciava outra. Para a sobrinha a breve mesura e benquerença fraternal, para a tia o preto e rasgada cortesia. E em repartir-se entre ambas punha tanto engenho e proporção que D. Sol, desvanecida, murmurava:

— Não há como D. Gil para saber ocupar o seu lugar.

Com o tempo, pareceu à velha senhora que, daquela

homenagem à sua pessoa, a sobrinha cobrava não sabia que sombras; e um dia, de olhos nos olhos, teve com ela curto colóquio:

— Dizia-te uma coisa, mas havias de guardar segredo...

— Ora essa! Então não guardo! Sou por lá algum saco roto?!

— Então houve: Já reparaste que D. Gil anda sempre triste, melancólico... como se o minassem os cuidados?... Não reparaste? Se não é paixão, parece-o.

— Ah! — exclamou Mafalda reprimindo um suspiro.

— É verdade! — tornou D. Sol de olhos cravados nela, como unhas de açor numa pomba. — Olha, eu to conto, mas vê lá, nem ao travesseiro o digas. D. Gil morre de amores por uma condessinha de França, que lhe paga na mesma moeda. Mas, sabes... fecharam-na numa torre... lá está fechada vai em anos, porque os pais não querem nada — vê lá o disparate — com espanhóis. Contou-mo Alejandro, que lho contou ele.

— E admira que D. Gil ande triste!? — pronunciou Mafalda erguendo e fitando o olhar nas pupilas da velha coruja. — Nada mais natural que as penas dela ele as padeça dobradas das suas!

Tranquilizou-se D. Sol, e os dias continuaram a correr doces e remansosos contra as frestas altas do solar de Santisteban. Tinham em que entreter-se de sobra as nobres damas, além do rosário, que para a velha era o comum recreio, do bastidor ou de ouvir tanger viola, doce passatempo de Mafalda. No sentir de ambas, as visitas de D. Gil não eram períodos menos folgados. Costumava ele, um dia entre outros, vir beijar-lhes a mão e trazer novas da guerra. Com gentil disposição o retinham horas, que lhes pareciam momentos, encantadas do encantado cavaleiro. Em redor, as donzelas enleavam-se, por seu turno, em ensilvado colóquio acerca da campanha e das festas que nunca viam fim nos tempos cheios dos Dons Filipes, embora com guerra nos estados, ladrões no termo e a peste em casa.

Chegaram, finalmente, notícias de D. Alejandro, trazidas

por um próprio. A inesperada resistência dos portugueses dilatara a guerra por tempo que só Deus seria servido determinar. O senhor de los Balbazes impacientava-se com as escaramuças na raia, escaramuças travadas — dizia ele — quando os espanhóis se metiam pelo Alentejo dentro, a pilhar os porcos dos montados, ou quando o adversário, assaltando de repelão os soalheiros da Andaluzia, arrebanhava das aldeias meia dúzia de chicas. Os exércitos tinham dó de se matar, e o capitão de cavalos sentia uma nobre e castelhaníssima vergonha.

Com os grandes calores de Junho, acolheu-se D. Mafalda com a tia à Quinta de Piedras Rojas, nos arredores de Madrid, onde, lés a lés do pomar, passava um corgozinho de água pura, que descia dos cerros. E porque assim era, vinha cantante e aos tortolões, deixando pelo pedregulhal, até se ensopar no alqueive, uma toada saudosa que era como o latejar de artéria do próprio ermo. Nunca, também, ali cessavam os gorjeios dos pássaros, e duas vacas turinas, de tetos repletos, retoçando, mosqueavam o verde tapete das relvas de sua mancha mazorreira branco e sépia.

A meio duma bacia de água, um Sátiro e uma Ninfa representavam o fugitivo lance que vai, em amor, da rendição à posse. Ele forte, membrudo, tronco e feições humanas, pés em forquilha, galhos incipientes por detrás das orelhas carnudas, no queixo uma barbicha rala — que lhe dava ares estranhamente sensuais e de pincha-no-crivo; ela especiosa e cheia de graça, cabelos revoltos para os ombros, em tudo nossa mãe Eva no momento crítico de perverter Adão. Segurava-a o Sátiro pela cinta, contra si, num empalme de força e ricto largo de concupiscência; buscava ela ainda esquivar-se, mas tal esquivaça, bem se lhe via no sorriso dengue e malicioso, era mais desafio que recusa. Era sua, e o orgulho do Sátiro, de arrogante, profanava o azul do céu e a castidade das águas. E tão enleado era o seu gesto, de tanta luxúria e satisfação sobre si, de tão subtil zomba para a frágil

graça que preara e para o mundo em volta, que, se o fizessem em pó, no lugar dele, ficaria para sempre de sempre a sua voluptuosidade. Roseiras do Japão debruçavam para ele os ramos floridos; as ôndulas, que a água semeava ao despe-nhar-se da cale, corriam e brincavam na balsa como cabrinhas brancas, e olhos que olhassem mais não viam que o carão sensual gozando a presa. E o jogo lúbrico do Sátiro e da Ninfa figurava ali, a céu aberto, um dos instantes capitosos da eternidade.

Naquele remanso passava Mafalda muitas vezes as horas da cresta, bordando na talagarça, enquanto os pensamentos lhe corriam e se lhe emaranhavam mais na cabeça que no céu o voo das andorinhas. O arvoredado e o bafejo da água tombante amorteciam a brasa do sol, e o grupo delicioso ia-lhe ensinando, lenta, lentamente, através de horas e horas, ao embater teimoso em seus olhos, a sua divinal lição. O ar do Sátiro, primeiro, ofendera-a à força de licencioso e dominador; depois, pouco a pouco, insinuara-se, e, viscoso, perturbante, audaz, arteiro, acabara por captá-la e envolvê-la. E na sua carne, que o velho senhor de los Balbazes não soubera arpejar, suspiravam, gemiam desejos dolentes e misteriosos. Se Gil de Tavera vinha surpreendê-la ali, estranhamente se afogueava; e, para espaiar a confusão, erguia-se e corria, estouvada e risoteira, a borrfar as flores que o ardor do sol chamuscara. Depois, vencido o enleio, pelas avenidas da quinta, que renques de buxo orlavam até altura da cinta, entretinham o tempo vagueando. E D. Sol, que à janela observava todo este comércio com olho matreiro de *duegna*, acabava por dizer para si e com a Virgem do Pilar que nem dois irmãos seriam mais irmãos que a sobrinha e aquele moço de nobres e discretas maneiras. Por mais que os vigiasse, nada notou que frangesse a fraterna estima. E a sua suspicácia foi-se dissipando como a neve de Guadarrama ao sol que vinha de Levante, impetuoso como um novillo pelos prados.

Assim decorreram semanas, e, novamente, bateu um recoveiro à aldraba com letra de D. Alejandro. D. Sol, com os óculos de ouro no bico do nariz, pôs-se a ler ombro a ombro

com Mafalda. E, sôfrega em ser a primeira a dar a novidade, disse às criadas que se haviam aproximado:

— Boas notícias, filhas, boas notícias. O senhor de Santisteban está a governar uma praça. Quer-nos lá com vossa ama mal tenha ultimado os aprestos do alojamento. Oh! quem me dera partir já!

D. Mafalda bateu palmas. Mas quando se desvaneceu o alvoroço veio para o balcão, os olhos a boiar no mistério da noite, vagos e tristes. Muito tempo ali esteve, agastando-se a ouvir o ribeiro que chorava. Dentro, o ofício divino ia sussurrando, morno e vagaroso, contra os pentágonos agressivos do tecto artesoado. Dali, ia respondendo: *Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós...* Por fim, resistindo à piedade convidativa do oratório, D. Mafalda pediu licença à tia para se ir deitar, a pretexto de que lhe doía muito a cabeça.

— Vai, riquinha, vai-te deitar. Foi sol que apanhaste. Se puderes, reza um padre-nosso pelo avô morto em Lepanto e outro pelos soldados castelhanos que todos os dias estão a cair nos campos de batalha por Deus e por El-rei.

Voltou Gil de Tavera e, como D. Sol estivesse muito ocupada a fazer os seus inefáveis doces de beringela, sozinho com D. Mafalda se foi a tomar ar pela quinta. Era sobre a noite e, á friúra do céu, o cálido rescendor da terra evolava-se docemente. O sol descaía para trás dos montes de Guadarrama. Uma serena paz envolvia tudo; apenas, lá para os altos as calhandras assobiavam aos filhos, e o silêncio enchia-se com a toada da suave quezília maternal.

Calados se foram, um a par do outro, costeando o regato, que ria, saltava, cantava, desfranzindo com a sua ágil mobilidade o crepe nocturnal da terra. A certa altura, começou D. Mafalda, por desenfado, a fazer um ramalhete das flores que para ali haviam nascido à toa. Gil ia apanhar uma ou outra em lugar menos acessível, e Mafalda dispunha-as em gama, mais ou menos caprichosa, conforme o seu gosto de matiz.

Muito tempo levaram naquele entretenimento até que, feito o ramo, sem dar por isso, se viram à borda da água, à

flor da qual o velho Sátiro não acabava seu gozo. Descia a noite, e os ralos, vendo os quintalinhos em sossego, vinham à porta e cantavam. Uns respondiam aos outros, e vale e monte encheram-se de vozes, sonoras como matinas de monges. Os grilos sacudiram os élitros de ébano e oiro, um rouxinol suspirou, recolheu-se, tornou a suspirar, e despediu uma trova tão suave, que se molhava primeiro de céu para depois irrorar a terra. E o coro da noite elevou-se em mil acentos joviais e magoados e, nele, mesmo as rãs do rio e os sapos eram melodiosos.

Mafalda e Gil sentaram-se à beira da vasca de água rendidos à agradável fresquidão e arraial do crepúsculo. A lua ergueu-se, subiu até à altura dos peitos, e eles ali. A ambos penetrava igualmente o mistério da vida, com princípio e fim, emoções e transees improfundáveis. Mas não sendo simples, não sabiam tomar parte no amoroso enternecimento dos seres. Parecia-lhe que eram infinitamente pequenos e, sentindo nisso dor e na dor deleite, tinham necessidade duma resignação que os levasse para longe deles. Mas nem o que queriam, nem a natureza daquele sentimento sabiam precisar.

Entretanto, das bandas de Leste, começou a soprar uma aragem maneirinha, e a música dos insectos abrandou, e mudou-se a feição da noite e o sabor que havia no ar. O concerto mudo começou para os seres que não cantavam, em voz alta, as suas efusões. Era a orgia enrodilhada dos hálitos vegetais, o beijo imanente do ser no ser, que começara. O pé de vento trazia a serra ao vale em noivado. Desceu, primeiro, a sensualidade ligeira da verbena e o travor da flor das giestas. Depois, veio vindo ao de leve o aroma dos rosmaninhos, da bela-luz, da borragem, da erva-maria, das urzes, e o mole langor dos sargaços. Tudo isto baixou ao pomar inundando as madressilvas, as camélias, os gerânios dos canteiros que, muito castigados do sol, com efusão se desagravavam agora na levada nocturna do sereno. Regaladamente, na faina eterna de zomba e de gozo, o sátiro era como um super-homem, acima do universo visível.

Ali quedaram Mafalda e Gil por muito tempo, entre a penetração silenciosa da planície e dos montes, enquanto D. Sol amanhã os seus primores de confeitaria. Como Mafalda fitasse as estrelas que lagrimejavam nos altos céus, disse-lhe o cavaleiro:

— A modo que muito longe estais daqui...!

— Sim, bem longe viajava a minha fantasia. Será verdade que as estrelas têm uma linguagem para falar aos homens?

— Assim o creio. Nenhuma página do livro de Deus está em branco para quem quiser ler. Escutai aquele ribeiro: — não é verdade que repete as queixas de quem sofre? Olhai agora a peneira da lua que tão bem ciranda o luar... Parece-se com certas criaturas que eu conheço. Quando vão a andar, dir-se-ia que têm por missão semear graça...

Mafalda sorriu e tornou:

— Não é isso, senhor cavaleiro. Pode, porventura, ler-se nas estrelas os destinos das almas?

— Já ouvi dizer que sim. E, se não fica mal perguntar, que desejava a minha senhora saber?

— Coisa de nada. Vedes, além, na Estrada de Santiago, aquela estrelinha a luzir e a apagar-se como candeia ao vento... Já a descobristes? Lá, para trás daquele cacho que parece mesmo um craveiro com cravinas de ouro. Há pouco reparei nela. Tão triste está e sozinha que lembra uma alma... certas almas desoladas. Que significará ali, e estar ali terá, acaso, alguma significação para a existência das pessoas? Pergunto-me ainda que é o que o seu olhar, que já há-de ter encontrado o nosso, estará a dizer...?

— Eu sei o nome de algumas constelações e de alguns astros, mas não sou mago que lhes decifre o sentido. E bem gostaria de sê-lo, muito mais para vos satisfazer o desejo. A esse grupo de estrelas chamam os astrólogos o Cisne. Semicerrando os olhos, enxerga-se, de asas abertas, a vogar num mar de leite...

— Esperai lá então... É verdade, parece uma ave que vai singrando! Mas a minha estrela, D. Gil, não é essa; é mais para a esquerda, um bocadinho mais para a esquerda, a

distância aí de dois côvados... entre as duas que vão à frente, ensinando o caminho, e aquele bando em volta da maior, que lembra uma galinha com os pintainhos.

— Vejo, vejo agora! Tendes razão; lá está ela perdida e triste na Via Láctea. A galinha com os pintainhos é a Lira. Está, pois, entre a Lira e o Cisne a vossa estrela. Não é isso? Consultai-a que talvez vos responda...

Mafalda, fazendo da mão pala, olhou o astro pequenino perdido nos abismos do firmamento. O cavaleiro reparava nela e na estrela.

— Foge-me, foge-me da vista se a fito, D. Gil! — proferiu ela.

— Tornai a olhar, senhora...

Mafalda, erguendo outra vez os olhos, ficou imóvel sob a imensa umbela do firmamento, de olhos tão fitos que breve as estrelas lhe pareceram abelhas alvoroçadas. E voltou a dizer:

— Foge-me sempre. Mas afigura-se à minha imaginação que é um gemido da Lira, ao passo que em volta as estrelinhas são risos de harmonia. Esconde-se, apaga-se e volve à superfície. Não sei porquê, lembra-me que esteja a soluçar.

— Tal qual a alma, senhora?

— Lá vai o Cisne... — tornou Mafalda, pouco depois, quando ambos olhavam. — Não parece que lhe toca com a asa? D. Gil, repara!

Mafalda desviou o olhar e ouviu cantar os ralos, as rãs, a mágoa do rio, no festim do monte com o prado. Uma consolação infinita sucedia na terra à sentida necessidade das resignações.

— Mafalda! Mafalda! Onde estás tu? A estas horas? — gritava-lhe do fundo da cerca D. Sol.

— Estamos aqui, à beira do tanque. Aí vamos, tia.

— A vossa estrela, ou a vossa alma, senhora — interpôs Gil — está entre o colo do Cisne e a poeira doirada da Lira. Está na vossa inclinação dar-lhe destino...

Mafalda sorriu e, como se quisesse dar a entender que

urdiu com Gil uma pastoral sem mais significação que soprar ao vento bule-bules, voltou de novo olhos para a estrela, alpendrando-os da lua, que vinha já à altura dos ciprestes. Depois, deixando cair a cabeça, pronunciou em voz presumida de faceta:

— Então, meu senhor, que a leve o Cisne...

Gil ficou para o serão; e enquanto em torno, sobre as almofadas persas, as aias se entretinham em alegre folgar, pela primeira vez os olhos dele quiseram ser corajosos.

No momento de partir, sem que D. Sol desse conta, Mafalda pôs-lhe no sombrero uma pluma branca de neve, das mais airosas que vestem garças reais. E se não foi ao balcão, onde o luar fiava prata, vê-lo passar, é porque teve medo de que a sua audácia desse nas vistas. Sua tia D. Sol é que, desconfiada com o manejo, foi espreitar. Gil, metendo espora ao cavalo, desapareceu na azinhaga deserta, desprendidamente, como se atrás ficasse campo morto em que se lhe não atasse o novelo dos cuidados.

Mafalda, mais enervada quando se viu sozinha, voltou à sala para as rezas, mas se as ave-marias soavam nos seus lábios, caíam-lhe dos dedos, assim inertes e dormentes como no Inverno as lágrimas do caramelo, ao raiar do sol nos beirais.

Ia Mafalda, a par de Gil de Tavera, pelas avenidas ermas de Piedras Rojas, que as não alegrava naquela tarde gorjeio de ave, nem viço de rosas. Uma atmosfera de endoenças, de tempestade iminente, cobria o céu, que naquela manhã um auto-de-fé, na praça de Madrid, tanto devera purificar consoante a moral castelhana. Para essa cerimónia, a Mafalda, da primeira nobreza do reino, fora reservado assento entre a corte, nos estrados adrede erguidos desde a véspera até o primeiro arrebol da madrugada. E ela que, sendo boa cristã, não deixava de ser cativa, querendo gozar com o Senhor, muito queixosa ficou de ver queimar aqueles míseros. Mas espectáculo morigerador foi esse que bastos e assinalados

benefícios lavrou no seio da igreja praticante, consoante proclamaram do púlpito as grandes trombetas da fé. Acabava-se com os hereges e confundiam-se os cismáticos. Os judeus besuntavam-se de cristãos, e os cristãos, de verdade, poderiam esperar a bem-aventurança. Naquele auto-de-fé houve indícios da maior satisfação celeste. Quando as labaredas, que incineravam os condenados, atingiram a altura de lanças, um ténue vapor incensou a atmosfera. Era como que um hálito imaterial, espraído na ardentia, tão subtilmente se infiltrando no sangue até o coração que todos reconheceram o suave aroma que rescendem as almas quando transitam para a mão direita de Deus.

— Quem duvida?! São as almas dos penitenciados, benquistas ao céu, depois que pagaram! Pois que outra coisa pode ser? — exclamou D. Sol.

Ao mesmo tempo, as tintas duma tempestade inefável coloriram os rostos, e algumas damas caíram varadas de silencioso delíquio. Também D. Mafalda grandemente se anojou ao começo, que não havia ninguém mais sensível à dor. Mas vendo como os precitos beijavam as mãos papudas dos frades, cobrou alento, e recolhida e transportada pôde contemplar até fim aquele teatro de inefáveis graças.

Contudo, de volta para o arrabalde, notou D. Sol quanto sua sobrinha ia agastada, a cabeça contra o veludo da liteira, as pupilas a arder num lume que não era o de seus olhos, o seio, num moto febril, a arfar. E, pensando que o ar lavado lhe faria bem, aconselhou-a a que com D. Gil, que ali chegara em cumprimentos, fosse pela quinta espairer um bocadinho.

Assim fizeram os dois, insensivelmente indo dar ao sítio em que o Sátiro prelibava as voluptuosidades sem par. Na luz fosca da trovoada — que já os relâmpagos chicoteavam os horizontes — o sorriso lúbrico do fauno parecia despregar-se da pedra e vir enlabuzar as almas. E, jactancioso, mofava, ao mesmo tempo, de quem daquele jeito não sabia compartilhar. Bem firmes, as suas plantas caprinas tomavam a terra como palco do seu gozo, mais nada que palco; os braços, que agora

ilaqueavam a ninfa, soltar-se-iam breve para mimar um epodo entre satírico e báquico; e já a expressão cínica dos olhos e dos lábios dizia à ninfa sujeita:

— Que mais é a vida?

Mafalda, que num assomo de nervos ia ripando e amarrotando as rosas, disse para D. Gil:

— Este grupo... este fauno tem um ar de escárnio que bole com os nervos. Hei-de mandá-lo fazer em estilhas...

— Que escárnio descobriu num mármore de tão belas formas?

— Não vedes?!... — e esta resposta foi dada com sorriso tão de malícia e galantaria que a alma de Gil se abraçou.

— Cuido, sim, que está a dar uma lição... — proferiu, volvendo para ela os olhos, que demorara no Sátiro, menos a estudar que a refazer-se do anseio de que se acompanhava a ebriedade que o tomou.

— Pode ser!

— ... a lição do que é tudo...

Mafalda baixou a cabeça para terra e o entendimento dele julgou ver claro. A medo, pegou-lhe da mão que sentiu abandonar-se; e, depois de a afagar, beijou-a. Espreitou-lhe a face e viu que se descoloria, afogueada, branca, branca como as açucenas, e nela leu sujeição. Abraçou-a pela cinta que lhe pareceu flectir-se... estreitou. E, ante aquela passividade que, todavia, a luz grave do semblante inculcava como incerta, com vozes de amor buscou a boca luxuriante, boca mais deleitosa que nem enflorada de rubras rosas. Num sobressalto — vergonha, repulsa, sabia-o Deus — Mafalda desprendeuse e, às mãos ambas, cobriu o rosto.

Gil de Tavera soltou-a então, pálido, de garganta seca, mais tonto do que se o abismasse um raio. E, no instante que decorreu, ouviu-se a toadilha do ribeiro; em seus jardins, os animálculos desferiam cânticos repassados de amor; o Sátiro instigava, com mais porfia e um aceno impudico de alcoviteiro, a provar dos frutos proibidos. Já a trovoada varrera para longe, rebalsando-se à flor do solo uma aragem branda, preenhe de rescendores e afagos.

Mafalda levantara o rosto e olhava ao largo. Iluminou-se-lhe dum sorriso desnevido, um sorriso como sol sobre a neve e, um segundo muda, despediu... deitou a correr.

Gil ficou pregado ao chão, atônito com o desenlace, a vê-la seguir caminho, altiva e desdenhosa. E, subitamente, o seu espírito enxergou; e, penetrando o sentido que era legítimo supor no jeito de confusão e no sorriso irónico de Mafalda, pungiu-o uma dor tão acerba que de bom grado aceitaria a morte se a morte, corporizando-se, se propusesse levá-lo.

Compreendia agora o meneio de Mafalda à beira do Sátiro tentador. Decerto que Alejandro possuía o corpo, mas não o dominara; dominara a alma, mas não a possuía. À puberdade em flor repugnavam a barba cã e o ânimo agreste do capitão de cavalos. Nela, todos os belos tesoiros da carne e do espírito estavam reservados para homem, igual a si, pelo menos em juventude. Por certo fora ele o eleito, ao menos, por um momento, o qual só por estúpida cobardia não soubera aproveitar. Agora, adeus!

Já semanas após semanas, em sua consciência brigavam luta de desespero o desejo sensual e o dever. Venceu aquele, como é de lei desde que o mundo é mundo, e no rescaldo germinou um amor envergonhado, destes que se evadem à própria sombra.

Nela, sem dúvida, a mística do amor tomara uma feição activa e determinada. Desejara, nada mais natural que cobiçar ser correspondida. Ante a imprecisão do amante, é próprio da mulher ser afoita. Com ela, à vaga satisfação do espírito, adivinhando-se amada, a natureza juvenil impõe a sua tirania. Mais os suspiros se perdem, mais os sentidos bradam. E Gil compreendia, compreendia agora os recursos de que o instinto de Mafalda se servira frente à estátua aliciadora. Fora até onde já era mais que ousadia ir; a ele o levá-la daquele traço em diante, pois que é escrúpulo da mulher, se não malícia do sexo, gostar de ser rendida, sentir na própria fraqueza sua desculpa e vitória.

Estas reflexões decorriam no cérebro de Gil lentas, em surdina, quase vagas, sob o zumbir de vespão da mofareira

voz do Sátiro. E ele dava-se como réu de pelourinho, acima de tudo, pela torpeza com que se houvera naquela justa de galantaria.

Abrasado em febre, mal sua alma viu claro, passou uma noite de joelhos ao oratório de Nossa Senhora do Pilar. Tocara-o ela com a coroa na pia baptismal e, como madrinha, nunca lhe faltara com remédios em percalços da fortuna e da guerra. Naquela hora, o seu sorriso promissor irradiava, à chama da lâmpada perpétua, ainda mais benigno e amável.

Do fundo da alma se lhe encomendou Gil, desventurado. Amava Mafalda de paixão pecaminosa, e não queria invocar para medianeira o Lírio de Jericó. Feia acção seria a sua, pois que ofendia o sexto mandamento e falseava a fé de amigo, embora dum desejo tão tirânico se não sentisse grandemente culpado, visto que rompera contra a sua vontade e não houvera forças humanas que o ceifassem. Em boa verdade, não lhe pesava remorso nem contrição no passo temerário que atravessava. Mas agora, não pedia à madrinha que lhe entregasse Mafalda, por ser uma fineza incompatível com a sua intemerata brancura, mas sim que o ajudasse a lavar-se da desonra em que ficara aos olhos de tão nobre dama. Que a Virgem o guiasse e prometia afastar-se da sedutora, ainda que tivesse de fugir para o cabo do mundo, e empregar em missas e obras de caridade todas as rendas de um ano.

— Minha boa Madrinha, Santa Virgem do Pilar, ensina-me o melhor acto da desafronta! Foram execráveis os meus desejos, mas eu prometo mortificar-me com rezas e disciplinas! Inspirai-me, dignai-vos ajudar-me a depor a túnica de vergonha que os desacertos me vestiram!

Prostrado na tábua dura, três vezes escutou o sereno que, rua fora, ia entoando o *Ave-Maria puríssima*. Sobre a manhã, a sua alma exultou; a terna Madrinha — figurava-se-lhe — ouvira-o e aconselhava-o. E, por tão grande mercê, quando já largava de ímpeto a mandar selar o cavalo, voltou atrás a beijar-lhe os pés, assentes dominiosos sobre a cabeça do dragão, embora o seu sorriso de Rainha dos Céus parecesse dizer que gostava mais de reinar sobre os corações aflitos.

O primeiro sol amarelecia as vidraças, quando chegou a Piedras Rojas. Já o grande portão de entrada se mostrava entreaberto, mas fechado que fosse, à voz de Gil de Tavera, naquela casa, corriam trancas e ferrolhos, os mais defesos. Ao prender o cavalo à argola da parede, acudiu o porteiro, obsequioso.

— Deixa; o recado é urgente, e dá-se depressa... — e despediu escada acima, afoito, como senhor que entra tresnoitado em sua casa.

Sabido dos andanhos, sem ruído, que o abafavam, além do recato com que ia, as alcatifas, atravessou salas e corredores que o silêncio e a serapilheira da madrugada emorneciam. Dos baixos da habitação um chapejar breve — servilheta, porventura, ao saltar da cama — mas ali, no piso nobre, a paz era imperturbável, com D. Sol decerto a sonhar-se de companhia com Onze Mil Donzéis nas alamedas do Paraíso. Na alcova dos senhores de los Balbazes, a porta estava apenas encostada. Após breve suspensão, mais de escuta que de receio, Gil entrou. Brandamente, a luz frouxa do sul esclarecia o leito, o tal *thalamus thalamorum* do casal cristão, talhado para as luxúrias santificadas, que aparentava em sua talha e alto dossel uma séria imponência. Aspirou o aroma ambiental dos aposentos, tépido e langoroso, em que se condensam todos os voláteis humores do corpo. Na cama distinguiu à claridade difusa a oblonga mancha leitosa e aproximou-se. Com a ardência da sazão, Mafalda dormia nua.

Era uma onda cor de leite e luar e cada parte, surpreendida em abandono, a rosa dum roseiral.

Gil debruçou-se para a carne de maravilha e primeiro admirou os pés, os pés que cabiam numa casca de noz e eram arteiros a correr; depois, demorados, mais demorados que crispação de vaga que vem de longe, os olhos percorreram desde a canela, de linha evasiva e delicada, às pomas, néveas cabeças de pombos, que desarmariam o cutelo dum ciumento. Levada, talvez, nas asas de sonho ligeiro, Mafalda suspirou.

Gil detinha-se no seu êxtase, indeciso e tentado. Pareceu-

-lhe que a respiração dela era serena como devia ser a dos anjos quando se apagam os luzeiros do céu e Santa Maria manda deitar. Mal se lhe sentia a arfada, decerto mais branda que a brisa entre as pétalas duma papoila. Uma das tranças coleava-lhe pelo tronco e ia desaparecer na face interior das coxas como longa e negra serpente que procurasse refúgio entre colunas de mármore. E a boca era fonte farta de voluptuosidade, de orgulho e soberania para lá da vida e da morte, a quem a beijasse. E Gil pávido, jogando num impulso os escrúpulos e receios para trás das costas, poisou a boca na boca assombrosa. Pesada foi ela para Mafalda soltar um gemido de criança e reagir em sobressalto. E, a gemer, acordou de todo e viu-se nos braços dum homem, erguida no ar como uma pena. O arranco que então deu foi tão forte que obrigou o violentador a soltá-la.

Quando o reconheceu, ficou aturdida sem poder proferir palavra. Gil dizia-lhe, nem o próprio percebeu com que nexo, palavras que continham este pensamento:

— Veja, senhora, que também sei ser atrevido!

Foi então que no primeiro movimento de repulsa, molestada do grande despejo, rompeu a gritar:

— Socorro! Socorro!

Gil de Tavera nem tempo teve de explicar-se, nem sequer de tentar acalmá-la.

Acudiram logo as criadas e D. Sol dentro da compridíssima camisa de noite, que lhe dava um ar de outro mundo, magra como círio embrulhado no roquete dum encomendador de defuntos, ou uma carcaça fugida do Panteão dos Balbazes dentro da própria mortalha. Só ela metia medo. A uma e outras, que se benziam de espanto, disse Mafalda em voz que a exaltação fazia vacilar como luz à aragem da noite:

— Este homem entrou aqui, à falsa fé, com maus pensamentos... Que saia para nunca mais!

D. Sol fez menção de lhe ir arrancar a espada, mas ele afastou-a com sarcástico jeito:

— O senhor de Santisteban poderá perguntar por ela...

Um das aias ia a sair com o propósito de chamar os criados, mas a ama, erguendo o braço, fez-lhe sinal.

Trejeitando nos lábios um sorriso, entre dorido e sardónico, Gil cortejou:

— Que a sua graça me perdoe. Fui ontem cobarde, hoje aleivoso... Má sina a minha! — e despediu.

Deixando-se levar no cavalo pelo caminho de Madrid, Gil de Tavera, mal se recobrou do passo em falso que dera, rompeu a maldizer da sorte, dos anjos e da Virgem Madre. Com pretender desforçar-se da canhestria, infamara o nome limpo dos Taveras, pois o rumor da sua deslealdade ia correr mundo. A audácia que o levava até à beira da cama de D. Mafalda, se o resgatava da cobardia que o enxovalhara no amor-próprio, carregava-o agora de desonra para que não via apelação nem agravo. E, em sua alma amarfanhada, as palavras impiedosas de Mafalda eram ainda como punhais a alargar a chaga.

Perto de chegar à Ponte de Segóvia, ouviu atrás de si um tropel áspero de ferraduras que rapidamente vinha engrossando. Abrandou a andadura e viu chegar, à rédea solta, um laçao dos Santisteban:

— Para onde é a ida? — perguntou.

— Carta para D. Alejandro...

Gil compreendeu que ia naquele cavalo negro de ébano, que galopava mais que o vento, o anúncio da sua tropelia e, porventura, a sua sentença de morte. O estafeta desapareceu na recta fugidia e, ao chouto lasso da montada, pôs-se Gil a contar os dias de jornada até Badajoz, pelo caminho recoveiro de Mérida, que conhecia das vezes em que nos chavascasais do marquês de Troquillanos monteara o javali. Distavam dezóito léguas de Madrid a Talavera de la Reina, para vencer em um dia com potro galgaz, ainda que tivesse de lhe dar penso e folga em Venta del Gallo. De Talavera a Truxillo, com rocins de muda, todos uns arrebetados, e um piso dos demónios, milagre seria correr as vinte e uma léguas em dois dias. Mais treze léguas até Mérida: treze horas, a passo de posta ou mula de alquilador; podia contar ainda um dia, a

menos que o postilhão fosse de ferro, não precisasse de dormir, e tudo corresse a jeito por artes de Lúcifer. De Mérida para diante constava-lhe haver, a sete léguas de distância, em Lobón, péssima estalagem e cavalgadura incerta. Mas de Lobón sucedia verem-se, nos dias de sol, chamejar as vidraças e ouvirem-se os sinos de Badajoz quando o vento soprava do mar. Ao todo cinco dias, para sessenta e três léguas, segundo um cálculo nem carregado de contratempos nem muito favorecido da sorte. Tinha, pois, diante de si obra de dez, doze dias, pelo cômputo mais provável, para fazer o bem de alma como, havia pouco, lhe aconselhara a velha múmia de Santisteban. E, como o prazo era longo e o mundo dava muita volta, acudiu-lhe ao espírito que poderia acontecer safar-se daquele ruim atoleiro. Estava no querer da Virgem do Pilar, que mais de uma vez o salvara da foíce das batalhas, embora a sua graça o houvesse naquela manhã abandonado, aplanar-lhe o caminho no tão difícil e estouvado lance. E, regressando à fé na Madrinha, prometeu-lhe que, se daquele desfiladeiro se saísse sem desdouro, casaria com a primeira donzela pobre que se lhe defrontasse. Teria, além disso, sua Madrinha um colar de turquesas e rubis e missa perpétua em capela própria que mandaria edificar.

Assim discorrendo perguntou-se Gil se não eram pensares estes de pusilânime. Mas certo de que não temia a espada de D. Alejandro, nem a morte honrosa, mas o opróbrio público e a morte traiçoeira, com redobrado fervor se apegou à Virgem do Pilar.

Às portas, quase da cidade, outro cavalo corrente relampejou por ele. Reconhecendo pela brancura sem tacha *El Judío*, de D. Alejandro, bradou para o homem que o montava:

— Que pressa é essa?

— Sustar o portador mandado a Badajoz.

— Quem mandou?

— D. Mafalda, minha senhora.

Gil picou de espora para ele e, dando-lhe uma mancheia de dinheiro, disse:

— Corre! Se o apanhares tens o dobro.

— Não há-de ser fácil, senhor D. Gil. Àquele cavalo poucos o batem na ligeireza. Não basta que Pepe tenha um instante de descuido...

— Corre!

O homem cravou a espora nos ilhais do animal... voou. Não havia dúvida que aquele cavalo branco, mandado com o fito de embargar o primeiro mensageiro, tinha poucas probabilidades de alcançar o cavalo negro de mau agoiro. E, quem sabe, nada mais que o afinco de cumprir a missão, era uma vantagem que lhe levava. Um pouco de sorte e a Virgem do Pilar por seu lado, e o milagre não era coisa de espantar. E Gil de Tavera, descobrindo-se em plena estrada debaixo do sol bravo, começou a dirigir a sua Madrinhinha uma ardente prece como jamais lhe brotara do coração.

Alumiado de esperança em tanto negrume, foi pensando em D. Mafalda que enviara contra-ordem e na moça pobre que desposaria consoante o voto. Que floresta de contradições era a alma das mulheres! Razão tinha Fr. Benito de los Angeles quando, no confissãoário, ao ouvir-lhe um pecado de amor, benevolmente admoestando, dizia: *Ignis, mare, mulier, tria mala*. Voltando, depois, a debater em sua consciência ora concursos prósperos ora contrários, figurou-se-lhe impossível uma saída airosa. E foi sob a sinistra impressão que chegou a casa, em que se fechou, ordenando aos pagens que não abrissem nem ao próprio Santíssimo Sacramento.

Dois dias e duas noites lhe escutaram os passos invariáveis, de cá para lá, de lá para cá, nas salas desertas, e os solilóquios demorados em que se embrenhava. Ao terceiro dia — contra a recomendação expressa — bateram à porta da câmara em que ele errava como fera delirante. Abrindo num assomo de cólera, deparou-se-lhe uma dama que escondia o semblante em negra mantilha.

— Venho pedir-vos perdão! — disse ela avançando a passo lento e descobrindo-se.

Era bem D. Mafalda que ali chegava, endolorida, branca

como as açucenas, e de olhos pávidos. Era bem ela, enigmática e divina, possuída de impulsos diversos como o fogo e como o mar.

— Perdão!... de quê, senhora? — proferiu Gil, a voz quebrada de surpresa.

— Da minha crueldade.

— Louvada seja ela que vos trouxe.

— D. Gil, os despejos do vosso grande orgulho ofenderam-me...

— Pois, maiores que fossem os desconcertos do meu orgulho, benditos seriam eles para agora mais humildemente rojá-los a vossos pés!

E, depois de lamentarem as imprudências, contou Mafalda que não fora possível embargar a mensagem que D. Sol despachara ao seu marido. O segundo estafeta voltara no dia seguinte depois de estoirar o cavalo para lá da Ponte de Guadarrama — e os olhos dela começaram a correr em fonte.

— E agora?... Fugamos para longe de Castela, quereis?

D. Gil ficou hesitante e proferiu:

— Não, tenho que dar a D. Alejandro o direito de desafronta...

— Conheço-lhe o génio. É homem para mandar-vos matar...

— Morrerei feliz tendo-vos no pensamento...

— Desgraçados de nós!

Corria pelas faces de Mafalda pranto copioso. Gil enxugou-lho; com beijos secou os olhos — de pretos e chorosos — cisternas sem fundo, adormecidas. E amaram-se de paixão centuplicada pelo perpassar dos espectros. Acima de sua febre de amor, um galope doido de cavalo reboava, ouviam-no percutir as lajes e ferir lume, um cavalo que avançava feroz na campina rasa para Madrid.